

## RECENSÃO A DOIS LIVROS

BONA, C.: *La nueva educación: los retos y desafíos de un maestro de hoy*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015

ROYO, A.: *Contra la nueva educación: por una enseñanza basada en el conocimiento*. Barcelona: Plataforma Editorial, 2016.

Certas leituras ganham sentido se feitas em conjunto. É o caso dos dois livros que são objecto desta recensão: não obstante terem sido publicados em Espanha, na mesma cidade, em 2015 e 2016, tornam-se contributos relevantes para a análise das mudanças operadas neste século nos sistemas educativos públicos de diversos países.

Os seus autores, César Bona e Alberto Royo, são professores, respectivamente, do ensino básico e do ensino secundário, as suas idades distam um ano, assim como os seus livros. Terão tido uma formação profissional com pontos de contacto, além de que a lei, bem como as linhas curriculares que regulam a sua acção, pelo menos nos aspectos mais gerais, são as mesmas. Estas aproximações não reduzem, porém, a distância conceptual que os separa no respeitante à educação escolar e ao papel do professor: os seus textos, e as muitas entrevistas que, a propósito deles, deram, ilustram bem o dissenso entre o que se designa por “educação tradicional” e “educação nova”, acentuado na passagem do século XIX para o XX e retomado, em todo o seu esplendor, na passagem do XX para o XXI. Para melhor se perceber o supradito, atentemos, de seguida, em cada um dos autores e em cada um dos livros.

Bona defende, com manifesto entusiasmo, alguns dos princípios atribuídos à “educação nova” com as actualizações que a mais recente lógica da globalização e das tecnologias imprimem. É nesta ligação, nada explícita, que o livro evolui, num registo marcadamente autobiográfico, tanto em termos de texto (organizado em trinta e três pontos) como de anexos (onde apresenta o esquema da sua sala de aula, trabalhos dos alunos, fotografias dos alunos e com eles). Não é de somenos importância o facto de a redacção da obra ter acontecido durante o ano de interrupção do ensino, na sequência de um dos vários prémios que recebeu (do Ministério da Educação, em reconhecimento pelo seu empenho no combate ao absentismo e insucesso) e da designação como o “melhor professor de Espanha” (em virtude da participação num concurso que elege o melhor professor do Mundo). Neste “cenário mediático”, como reconhece, tornou-se uma personalidade “influyente” e “inspiradora”, realizando conferências, visitando escolas e faculdades, participando em congressos de educação em vários locais do mundo.

Voltando ao livro, Bona começa por explicar, por um lado, a sua opção pela docência, muito por influência de professores que teve, e, por outro lado, a importância da aprendizagem que legisladores e educadores têm de fazer ao longo da vida, com base, sobretudo, em boas práticas. Apresenta, de seguida, a tese de que a escola tem de mudar e com a urgência que o compromisso em relação ao futuro próximo justifica: de facto, a construção de um “mundo melhor” passa inevitavelmente pela formação de seres íntegros, que possam expressar-se na sua plenitude e participem, de modo construtivo, na sociedade. E isso depende substancialmente da paixão que o professor nutre pela sua profissão e pelo que o rodeia.

A inovação pedagógica implica, pois, diversas frentes, que o autor expõe numa estrutura do tipo “explicação-ilustração”: o conhecimento, de que o professor não é único detentor, deve estar ligado à vida e ser usado na resolução de problemas que ela coloca; a criatividade e o espírito crítico, o “aprender a aprender” e o “ser tecnológico”, devem ter lugar de destaque, bem como as atitudes e, sobretudo, as emoções; a resiliência e a flexibilidade são fins a ter em conta, a par da imaginação e da curiosidade. Neste cenário, destinado a “promover a cooperação, educar por empatia”, levam-se os alunos a conhecerem-se, a sentirem-se investigadores, a serem capazes de falar em público, a sentirem-se felizes, em vez de os tornar “produtos avaliáveis”. Manter uma mente aberta, criar situações estimulantes, e estabelecer pontes com o meio, consolidam a possibilidade e a responsabilidade que os professores têm de dar voz às crianças.

No paralelismo que acima estabelecemos, poder-se-ia pensar que Royo, por oposição a Bona, a quem, de resto, se refere, seria o defensor dos princípios atribuídos à “educação tradicional”. Não é tão simples assim: detendo-se na discussão da antinomia, centra-se na preocupação que entende ser a de todos os professores: saber como tornar os alunos intelectualmente robustos, capazes de valorizar e apreciar os bens culturais. Num registo mais académico, onde o cepticismo e alguma ironia marcam presença, examina os “dogmas” que dão corpo a uma “pedagogia oficial”, acolhida tanto pela esquerda como pela direita, que “despreza o conhecimento, apostando na felicidade ignorante e na empregabilidade de ocasião”. Esta declaração, que consta na badana do livro, é continuada no *Prólogo*, assinado por Antonio Muñoz Molina, que se detém na identificação dos responsáveis pela dita pedagogia e nos seus contornos mais evidentes.

Tais “dogmas” inspiram os títulos dos diversos capítulos: conhecimento em declínio, totalitarismo inovador, tecnologia e criatividade, tirania das emoções, empregabilidade, metodologias da moda; sem deixar de lado, os múltiplos “charlatães” que os veiculam – com exclusão dos professores, apresentadas, sobretudo, como vítimas –, assim como as consequências que têm no sistema de ensino.

Reafirmando a importância da memorização, uma das capacidades mais perseguidas, mas que a escola deve promover com base em conteúdos disciplinares, nota a insistência na ideia de que, por se encontrarem na *internet*, não será necessário esforço para os apren-

der. A abordagem didáctica estruturada dará lugar à abordagem lúdica, estribada nos interesses e necessidades dos alunos, com vista a promover o seu bem-estar, numa relação igualitária com o professor. Ora, estamos perante uma falácia que incentiva não só a ignorância como também o narcisismo. Na verdade, nem a motivação nem a curiosidade desaparecem quando o professor, adulto e culto, se empenha em que os seus alunos adquiram qualidades cognitivas, cívicas e morais que integram o perfil da pessoa educada. É, de resto, essa a função do professor, se enquadrada no desígnio da escola pública ocidental e que importa manter no que ela, não obstante as derivas pelas quais tem passados, revela de mais positivo.

Sublinha o autor ser particularmente positivo pugnar para que todos os alunos, mais e menos favorecidos sob o ponto de vista social, consigam chegar às mesmas aprendizagens, equilíbrio que ficará em risco se substituirmos os conteúdos que sustentam o pensamento pela “felicidade” imediata e se convertermos os professores em animadores. Ora, é a escola pública, com fins igualitários, que Royo considera estar em risco: o “permanente descrédito” de que é alvo, como estratégia para fazer valer o sistema privado, tem tido os seus efeitos, nomeadamente em termos do desânimo dos professores que são, afinal, o seu sustentáculo. Por isso, diz, escrever o livro, ajudou-o a “não cair nesse desânimo”, além de ser “um acto de resistência, de legítima defesa”.

Aonde nos conduz a dupla leitura proposta? A um impasse no sentido de nos confrontarmos com duas interpretações de sentidos opostos face a uma mesma realidade, sem que se vislumbre uma saída? Poderá ser assim, mas supomos que os leitores comprometidos com o actual debate educativo que as decisões tomadas nos sistemas de ensino suscitam, irão mais além. Mas para isso, terão que procurar contributos complementares, pois em ambos os textos surgem questões, algumas delas sobrepostas, que não são inteiramente explicadas, sendo que nem o seu cruzamento o permite fazer.

*Maria Helena Damião*

Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da  
Educação da Universidade de Coimbra e Membro do Centro  
de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da  
Universidade de Coimbra – Portugal